

## Poemas

Márcia Wayna Kambeba

---

🔗 <https://carnets-poediles.pergola-publications.fr/index.php?id=244>

### Référence électronique

Márcia Wayna Kambeba, « Poemas », *Carnets de Poédiles* [En ligne], Babel, mis en ligne le 25 mai 2023, consulté le 31 mars 2024. URL : <https://carnets-poediles.pergola-publications.fr/index.php?id=244>

### Droits d'auteur

Licence Creative Commons – Attribution 4.0 International – CC BY 4.0

# Poemas

Márcia Wayna Kambeba

## PLAN

---

Taxira kumiça katu  
Minha boa fala  
Que rio eu sou?  
Povo da gota d'água  
Povo guerreiro  
Amazônia dos esquecidos

## NOTES DE L'AUTEUR

---

Le premier poème est rédigé en tupi-kambeba et traduit en portugais à la suite.

## TEXTE

---

### **Taxira kumiça katu**

Taxira kumuera may-sangara

Ikum luaia-xitá kumiça iquie rupi

Ikua maritipa munura tana

May – tini iauqui axuka tanu awa

Upaca taxira awa

Ynua ritama – tama tana

Maniatipa ruaia ayacaca?

Iapã icumi apyká supi jenó

Tana mama-tua, tanu papa-tua

Kumiça katu imity ta supi

Sapukatara, kanata, tuiuka

kuara makatipa paranã jeneúma ipura-pani

Tana kumuera imimiua ruaia imanu

Rana usutá iacati

Peruti tana saxipa, tana aykua

Supi uipi era kamutuni

## Minha boa fala

Minha língua ancestral  
Hoje pouco falamos por aqui  
Saber que roubaram de nós  
Homem branco fez chorar nosso povo

Acorda meu povo  
Essa aldeia/cidade é nossa  
Como não lutar?  
Vamos agora sentar para ouvir  
Nossa avó, nosso avô falar.

Palavra bonita tem para mim  
Felicidade, luz, terra  
Lugar onde o rio corre ligeiro  
Nossa flecha voa pelo céu

Nossa língua ancestral não morre  
Ela vai subir o rio  
Levando nossa dor, nossa ferida.  
Para um novo amanhã.

## Que rio eu sou?

Na exuberante Amazônia  
Líquida e diversa  
Correm rios de várias águas  
Sabedoria que me atravessa

Cantando banzeiram -se as águas  
Dançando para lá e para cá  
Corpos em movimento  
Invento de um lindo bailar

Em mim sinto rios se confluindo  
Metamorfose em noite de luar  
Me sinto Solimões arrebetando  
Barrancas que deslizam  
Ouve- se o grito!  
Pororoca? Além-mar.

A Amazônia que vive em mim  
Chama os rios nominados  
Pelo bisavô, tataravô assim:

Rio Negro, Solimões, Madeira,  
Purus, Juruá, Içá, Japurá,  
Acará, Anauá, Trombetas, Tapajós,  
Arapium, Rio Branco, Xingu, Mapuera,  
Camatiã, Guamá, Tocantins,  
Urucum, Maicurú, Paru, Tacutu  
Uraricoeira, Pedreira,  
Madre de Dios (Amazônia peruana),  
Rio Napo – Equador,  
Rio Guapaí (Bolívia),  
Amapari, Javari, Jari,  
Caruci, Itacuaí, Jutai, Araguari

Que rio eu sou?  
Sou confluência com outros rios  
Coopero, espero, o pássaro cantou.  
Agora sou água em movimento  
Bailando manso e ligeiro  
Fugindo da poluição

E num mergulho fundo  
Chego em mim  
Eu água, Umaua, Omágua,  
Povo fluido desse grande beiradão.

Pulo n'água.  
Deixo o rio me despir e vestir  
De identidade, pertencimento  
Num movimento de ir e vir.  
No canto, encanto, sou ente

O rio está em mim  
É sujeito de direitos e sabe ouvir.

## **Povo da gota d'água**

Somos o povo da gota d'água  
Filhos que o rio abraçou  
Vestiu de coragem o Kambeba  
Fortaleceu nossas vidas  
Para resistir aos castigos  
e violência do invasor.

Entre sussurros e cochichos  
Guerras e ambições  
Seguimos resilientes  
Na contramão do colonizador.

Vimos de uma forte chuva  
A gota que fez o rio transbordar  
Rio de resistências, identidades  
Cultura, interculturalidades  
Fortalecidos pela luz do luar.

A gota d'água ganhou forma  
Se materializou e multiplicou  
Tupi nossa língua falada  
Banzeira para resistir  
Memória que não se apagou.

## **Povo guerreiro**

Ser água, terra, awa,  
Filhos dos filhos da gente  
Vida remando pertencimento

Canoa deslizando na imensidão  
Povo que segue consciente  
Do legado de ser guardião.

É sangue virando rio  
Banhando a terra de cor  
São vozes gritando alto  
Coração partido de dor

Invadidos até na alma  
Expulsos do nosso lugar  
Vidas sendo assassinadas  
O “branco” disputa palmo a palmo o chão  
Nós só queremos viver no território  
Que é herança de nossa nação

Para o não indígena  
A terra tem valor mercadológico  
Exploração!  
Para nós povo originário  
Ela é “mãe terra” e tem valor simbólico  
Proteção!  
Nela está a memória, história,  
Narrativas, cosmologias  
Encantados que nos guiam.

Os tempos sempre foram de conflitos.  
Enfrentamos os militares no poder  
Com Getúlio Vargas se viu crescer  
Um projeto integracionista  
Feito para nos desmerecer  
Tirar direitos dos povos  
A língua foi proibida de falar.

E nesse governo bolsonarista  
“Nenhum palmo de terra quis libear...”  
E deu continuidade ao projeto de integração  
Para a FUNAI prometeu ser “foice a degolar”  
Trouxe para a votação o marco temporal  
Os militares voltaram a comandar  
Indo contra as medidas de proteção aos povos

E a questão ambiental?  
A natureza virou moeda comercial.

Mas a identidade está na alma  
No ser de quem sabe resistir  
Estratégias no combate ao racismo  
Arma de fogo vem para nos destruir  
Chegam na covardia  
Diálogo é difícil por aqui

Seguimos desviando da bancada da bala,  
Da Bíblia e de quem mais vier nos perseguir  
Agora vamos territorializar a política  
Bancada indígena almejamos construir  
Resistiremos!  
Até quando Nhanderú permitir.

## **Amazônia dos esquecidos**

Vivemos na Amazônia  
Aqui não tem só natureza e água  
Biodiversidade para exploração  
Tem povos pulsando junto  
Com a batida do pé no chão.

Curumim pulando no rio  
Boto fazendo mundiação  
Indígenas resistindo com sua língua  
Manto verde, amazônico de proteção

Matinta assobiando agudo  
Caçando quem faz perversidade  
Curupira rodopiando forte  
Andando pela cidade

A Amazônia vive violências  
Que a alma não consegue aguentar  
Vista como mercadoria

Invasores não a deixam sossegar  
Amazônia não é apenas o pulmão do mundo  
Ela tem seus problemas  
Corre o risco de desertificar  
E o mundo sofre com a poluição do ar.

Todos somos responsáveis  
Pelos biomas do Brasil  
Precisamos nos sentir natureza  
Criar pertencimento com o lugar  
Cada canto tem vida  
É hora de aprender amar.

## ANNEXE

---

### **Glossário**

Mundiação – encantamento  
Matinta – protetora da floresta  
Curupira – um protetor da floresta  
Nhanderú – uma divindade  
Awa – povo em língua tupi Kambeba  
Kambeba é um povo indígena da Amazônia  
Umaua, Omágua – povo indígena

## AUTEUR

---

### **Márcia Wayna Kambeba**

Géographe et écrivaine, Grupo de Estudos em Direito e Assuntos Internacionais (GEDAI), doctorante Programa de Pós -Graduação em Letras (PPGL), université fédérale du Pará ; R. Augusto Corrêa, 01 - Guamá, Belém - PA, 66075-110, Brésil ; marciacambeba[a]gmail.com  
Márcia Wayna Kambeba, autochtone Omagua/Kambeba, est née au village Belém do Solimões no Alto Solimões, en Amazonie. Elle appartient à la communauté Tikuna, issue des peuples premiers. Poétesse, musicienne et chanteuse, elle chante en langue tupie et en portugais du

Brésil. Titulaire d'une licence et d'un master en géographie, elle est doctorante en linguistique à l'université fédérale du Pará. Elle est également conférencière, militante pour la cause des peuples premiers et pour l'environnement. Conteuse, elle raconte des histoires littéraires constituées de ses propres textes. Márcia Wayna Kambeba a publié cinq livres, elle est membre de l'Académie internationale de littérature brésilienne aux États-Unis. Elle travaille en multi-art pour parler de culture, de mémoire, d'identité et éveiller celles et ceux qui appartiennent aux Omagua/Kambeba, mais aussi pour celles et ceux qui ne sont pas issus des peuples premiers. Le but du multi-art est de favoriser la compréhension des vécus identitaires des autochtones dans leurs villages et à l'extérieur.